



## O GÊNERO E OS FENÔMENOS DE VARIAÇÃO NA FALA

Marília Silva Vieira

O gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT,1991), um índice explicativo-interpretativo das atribuições impostas a mulheres e homens e, conseqüentemente, uma variável de grande influência para a produção não canônica de inúmeras estruturas linguísticas.

Na democracia grega já existia uma rígida divisão entre o público e o privado. Sabe-se que a *polis* era reservada exclusivamente aos homens, enquanto a esfera do *òikos* era um *locus* tipicamente feminino. Um fato marcante da literatura é a timidez da mulher ou sua tendência ao silêncio público, fator preponderante para sua invisibilidade. A experiência feminina no espaço do *òikos* fez com que a mulher se resignasse à fala doméstica e interpessoal e sofresse restrições em relação à fala pública e impessoal.

De acordo com Aristóteles (384-322 a.C.): “A relação do macho face à fêmea é naturalmente, a do superior para o inferior; o macho é governante, a fêmea, o súdito” (VIEZZER, 1989, p.97). Sendo assim, haveria uma oposição entre o desejo da mulher e os “valores morais” exigidos pela sociedade, visto que aquilo que a mulher diz é diferente do que ela realmente gostaria de dizer, conforme o seguinte chiste: “Se uma dama diz *não*, ela quer dizer *talvez*/Se ela diz *talvez*, ela quer dizer *sim*/Se ela diz *sim*, ela não é uma dama”; Essas questões morais constituem um fator relevante para a análise da postura feminina diante do uso de formas linguísticas inovadoras ou pela preferência de estruturas normativas.

Ao longo do tempo, a mulher assumiu novas atribuições e integrou-se à vida pública, deixando de ser uma mera reprodutora (biológica, linguística e social), assumindo seu lugar nas transformações da comunidade na qual está inserida. No contexto específico da linguagem, passou também a deixar suas marcas, as quais despertam, há tempos, a curiosidade de linguistas, que, descrevendo-as, procuram atrelá-las a fatores de ordens várias.

When such large-scale systematic research into sociolinguistic variation began in the 1960s, its main focus was to illuminate the relationship between language and social structure more generally, rather than the relationship between language and gender specifically. However, the category of sex (understood simply as a binary division between males and females) was often included as a major social variable and instances of gender variation (or sex differentiation, as it was generally called) were noted in relation to other sociolinguistic patterns, particularly, social, class and stylistic differentiation. (ROMAINE, 2006, p.98)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Quando a pesquisa sistemática, em larga escala, em variação linguística, começou, em 1960, seu maior enfoque era iluminar (clarear) a relação entre linguagem (língua) e estrutura social de modo geral, e não, especificamente, a relação entre língua e gênero. Contudo, a categoria de sexo (entendida simplesmente como uma divisão binária entre homens e mulheres) era frequentemente incluída como uma variável de maior peso social e de situações de variação de gênero (ou



Diversos estudos de cunho sociovariacionista puderam ratificar que o gênero (anteriormente, interpretado apenas como o sexo) é um fator significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico) e apresentaram um padrão bastante regular, no qual as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Para Labov (2001), em situações de variação estável, os homens usam com maior frequência formas não padrão e as mulheres tendem a preferir formas prestigiadas. Uma inversão dessa tendência pode ser explicada como indicação de que uma nova variante está se implementando na língua: na maior parte das mudanças linguísticas em curso, as mulheres são as que mais utilizam as formas inovadoras, mesmo que essas formas sejam desprestigiadas pela sociedade.

Sabemos que a variabilidade (conforme já definido pela Sociolinguística Variacionista) é uma propriedade essencial da língua e um pré-requisito para a mudança linguística, uma vez que a existência de uma variação pode ser um indício sincrônico de um processo de mudança em progresso. Essa heterogeneidade pode ser sistematizada quantitativamente, com base no controle de grupos de fatores condicionadores que contribuem, a cada situação de comunicação, para a seleção de uma ou outra das formas variantes.

Inúmeros estudos sobre fenômenos de variação do português indicam o que poderíamos nomear uma maior consciência feminina do *status* social em relação às variantes linguísticas. Entretanto, a análise da correlação entre gênero e variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só às variáveis em questão, como também às peculiaridades da comunidade de fala. Os registros que sinalizam o conservadorismo linguístico das mulheres resultam de pesquisas feitas em comunidades de fala ocidentais, que partilham inúmeras características em sua organização sociocultural.

Um exemplo disso é o estudo realizado por Haeri (*apud* MOLLICA, 2003, p.35) em diferentes comunidades muçulmanas, o qual mostra que, na distribuição das variantes em relação ao gênero, a forma de prestígio predomina entre os homens; as mulheres, por sua vez, estão ligadas ao uso mais recorrente das formas não prestigiadas. Esse fato reforça, mais do que diferenças biológicas, diferenças no processo de socialização e nos papéis que cada comunidade atribui a homens e mulheres.

---

diferenciação de sexo, como era chamada geralmente) foi observada em relação a outros padrões sociolinguísticos, especialmente, classe social e diferenciação estilística. (ROMAINE, 2006, p.98)



Para Labov (1972), há, pelo menos, três reflexos da constituição do gênero feminino na linguagem utilizada pelas mulheres:

- (I) Conservadorismo – as mulheres (classe média) tendem a ser mais conservadoras do que os homens e a inovar menos do que eles;
- (II) *Status* – as mulheres tentam, ao utilizar as formas de prestígio, alcançar *status* social: elas possuem mais consciência/sensibilidade em relação ao *status* social do que os homens em virtude da posição social instável ocupada por elas (valorização do capital linguístico);
- (III) Solidariedade – em suas relações sociais, as mulheres não lidam com as mesmas pressões que os homens para utilizar as normas do vernáculo, uma vez que os homens tendem a participar de redes mais densas e diferenciadas.

Para tanto, questionaremos também a perspectiva tradicional que vincula o gênero à classe social, a fim de compreender se as mulheres realmente se aproximam mais da norma de prestígio que os homens. Desse modo, será possível estabelecer um parâmetro entre o uso de formas inovadoras e o comportamento social dos(as) falantes.

Sabe-se que as pesquisas correlacionando linguagem e gênero tiveram início com os trabalhos de Labov, nos anos 60. Nesses estudos, o gênero era sinônimo de sexo biológico, sem que fossem feitas considerações a respeito de sua constituição. Eckert e McConnell-Ginet (2003), por outro lado, defendem que ambas as categorias – sexo e gênero – não são equivalentes, já que o último é uma elaboração social do primeiro e que a dicotomia masculino-feminino é um dos principais componentes de nossa identidade.

De acordo com Lakoff, um dos precursores dos estudos sobre a identidade feminina na linguagem:

As children, women are encouraged to be “little ladies”. Little ladies don’t scream as vociferously as little boys, and they are chastised more severely for throwing tantrums or showing temper: “high spirits” are expected and therefore tolerated in little girls. (LAKOFF, 1975)<sup>2</sup>

Para Lakoff, o comportamento linguístico da mulher é lapidado desde a infância e representa um dos principais índices de uma postura passiva e nos permite transcender uma análise qualitativa. Adotando a Sociolinguística laboviana, podemos quantificar, na fala da mulher, as variantes

---

<sup>2</sup> Quando crianças, as mulheres são incentivadas a serem pequenas laddies. Pequenas laddies não gritam tão estrondosamente como meninos, e elas são mais severamente castigadas por suas explosões de raiva ou por mostrarem seu temperamento: "espíritos elevados" são esperados e, portanto, tolerados em meninas. (LAKOFF, 1975)



observadas em nosso estudo, descrevendo, de forma sistematizada, o comportamento linguístico feminino.

Em seus estudos, Labov (2001) foi bastante esclarecedor quando estabeleceu o *paradoxo do gênero* (Gender Paradox):

- (I) Quando se trata de mudanças vindas de cima (*changes from above*), as mulheres utilizam mais as formas de prestígio do que os homens.
- (II) Quando se trata de mudanças vindas de baixo (*changes from below*), as mulheres são as líderes da mudança linguística, o que significa que quando as mudanças começam, as mulheres são mais rápidas do que os homens ao utilizar a nova variante.

Devemos salientar, no entanto, que a análise do fator gênero na realização das variantes em questão não deve ser exclusiva, pois procede de uma generalização que não corresponde inteiramente à realidade, atendo-se à observação isolada de uma variável. É necessário relacionar o gênero com outras variáveis, a fim de obter padrões de correlação distintos que caracterizem as associações entre uso de variantes linguísticas e o gênero do(a) falante.

Em suas pesquisas, Eckert (1989, p.257) afirma que a diferença linguística entre os gêneros é maior em alguns segmentos da sociedade, principalmente naqueles onde não há muito prestígio. De acordo com ela, em classes econômicas altas, os homens geralmente utilizam variantes mais próximas às das mulheres.

Retomando as conclusões obtidas por Labov (2001) em relação ao papel do gênero no processo de variação, poderemos verificar se as variantes, em seus contextos específicos de produção, podem se justificar por fatores semelhantes aos assinalados pelo sociolinguista ianque em seus trabalhos de variação/mudança.

Uma das explicações de Labov (2001) reside no fato de que a maioria das crianças aprende os rudimentos de sua língua materna com mulheres (mães, babás, professoras de creche e de ensino básico), o que faz com que as mudanças que têm liderança feminina sejam mais rápidas, em detrimento das mudanças comandadas pelos homens.

A partir da comparação dos resultados obtidos por estudos sociolinguísticos em diversos lugares do mundo, o sociolinguista encontrou vestígios que revelam como líderes da difusão da mudança linguística um grupo específico de mulheres, as adolescentes: uma menina de doze anos observa as formas inovadoras usadas pelas meninas de dezesseis anos e ao imitá-las, com o passar do tempo, provoca o avanço da mudança, na comunidade, de forma homogênea.



Labov afirma genericamente que "na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente dos homens na proporção de uma geração" e reconhece:

Mas é importante ter em mente que essa propensão das mulheres para as formas de maior prestígio (no sentido do padrão normativo) é limitada àquelas sociedades em que as mulheres desempenham um papel na vida pública. Uma tendência contrária foi encontrada em Teerã por Modaresi e Jain, na Índia (LABOV, 1981, p.184):

Nesse sentido, faz-se precípuo considerar a língua em sua esfera sociocultural, juntamente com as especificidades desta última, uma vez que a explicação para o uso das variantes emergirá de contextos externos ao sistema linguístico, e não só dos fatores internos à língua.

Ao examinar a mudança linguística em Nova York, Labov verificou a variação do fonema /r/ pós-vocálico ("far", "card"), observando a insegurança linguística dos falantes. A não pronúncia do fonema /r/, que era a forma de prestígio até 1940, cedeu lugar, a partir 1945, à variação de pronúncia do fonema /r/, forma de prestígio, desde então. Todos os entrevistados e todas as entrevistadas, ao lerem as palavras de uma lista, adotavam uma variante específica. Quando falavam as mesmas palavras em um contexto, adotavam outra pronúncia, o que fez Labov concluir que havia uma diferença significativa entre o que as pessoas pensam que falam e o que elas pronunciam de fato.

Os dados revelam um grau de insegurança maior entre os informantes da classe média inferior, entre o que supunham dizer e a variante que realmente produziam. Ao examinar os dados referentes às diferenças entre falantes masculinos e falantes femininas, Labov constatou que as mulheres usaram mais as formas de prestígio do que os homens e, mais uma vez, essa porcentagem foi maior na classe média inferior, o que corrobora a suposição de que as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio que os homens, em virtude de seu papel social. Além disso, a sensibilidade das mulheres, de uma forma geral, como em relação à moda, resulta em uma maior sensibilidade linguística, que as leva valorizar mais as variantes de prestígio. Milroy também realizou pesquisas relacionando variação linguística e gênero. Investigou três comunidades de classe trabalhadora em Belfast, Irlanda do Norte e descobriu diferenças em relação à fala feminina e a fala masculina quanto à variável /th/ (a omissão desse fonema em palavras como "mother" e "father"): as mulheres optavam pelas formas com /th/. Além do fator gênero, Milroy detectou a influência da faixa etária na produção das variantes: entre os falantes mais jovens, é menor a diferença linguística relacionada ao gênero.

Trudgill e Milroy explicam esse fato pelo critério da solidariedade. Eles sugerem que a pronúncia é uma indicação do grupo com o qual o falante ou a falante quer ser identificado. Para



homens da classe trabalhadora, o mais importante é identificar-se com a comunidade local. Como as mulheres vivem mais isoladas, optam por utilizar mais as variantes próximas à padrão, pois elas valorizam a linguagem da classe social que almejam.

Em uma das três comunidades analisadas por Milroy, o alto grau de desemprego entre os homens levou muitas mulheres para trabalhar fora, o que inverte a situação anteriormente descrita, levando as mulheres a adotar uma variante mais “local”.

*Bibliografia:*

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

\_\_\_\_\_; *The whole woman: Sex and gender differences in variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001

\_\_\_\_\_. *Resolving the neogrammarian controversy*. *Language*, n. 57, p. 267-308, 1981

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAKOFF, Robin. *Language and woman's place*. Nova Iorque: Harper Colophon Books, 1975.

MOLLICA, Maria Cecília (Org.) *Introdução à sociolinguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

\_\_\_\_\_; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

ROMAINE, Suzanne. Variation in language and gender. In: *The handbook of language and gender*. HOLMES, Janet & Meyerhoff, (orgs). Blackwell: 2006.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Nova Iorque: Editora da Universidade de Colúmbia, 1989.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo, Pontes, 1987.

VIEZZER, Moema. *O problema não está na mulher*. São Paulo, Cortez, 1989.